

AGRESTES OU JOÃO CABRAL DE MELO NETO: CLAREZA E ILUSÃO

Heronides Moura (UFSC)

Os grandes poetas são os maiores reveladores de si mesmos. Em *Agrestes*, livro de João Cabral de Melo Neto publicado em 1985, encontramos pelo menos duas confissões: tanto quanto a poesia deixa confessar. Duas confissões que contêm uma dupla negação do pensamento que geralmente se forma acerca desse poeta. Primeiro, a própria condição de confessar, aparentemente incompatível com um escritor que tenta eliminar o eu, desfazendo-o em palavras-coisas. Segundo, os próprios conteúdos dessas confissões, que destroem dois conceitos solidificados na mente da maioria dos que se acercam da obra do pernambuco.

"The Return of The Native" é uma nova Canção do Exílio. Não porque o poeta esteja afastado de sua terra, mas sim porque a imagem que ele formou dela não era ela: era apenas uma imagem. Pernambuco não é mais concreto, mais objetivo, mais internamente pedra, do que qualquer outra terra. A sua fala não tem um gume mais afiado. Ele também não é uma natureza estática, paralisada em seu tempo, e as impressões que gera não são necessariamente sobrepostas umas às outras, como numa seqüência fotográfica.

Em síntese, a cultura pernambucana não implica a linguagem de João Cabral. O poeta, quando fala de Pernambuco, não o está refletindo, não o está reproduzindo; está selecionando-o, recompondo-o. Também não se trata de uma transfiguração do real no sentido de que existe uma relação de causa e efeito entre realidade e expressão. O que existe, na verdade, é um artifício, uma decisão de transformar Pernambuco em uma determinada coisa. Não será essa também uma forma de exilar-se?

“Dúvidas Apócrifas de Mariane Moore” é singularmente explícito em seu caráter aparentemente dúbio: o outro é apenas uma forma de se remeter a si mesmo. Que um autor tenha convicções anteriores ao ato de escrever, e que gostaria de vê-las transplantadas para os seus textos, são fatos que não se pode deixar de considerar. Sempre que pôde, e de todas as formas que pôde, João Cabral tem apregoado reiteradamente sua condição de escritor não-subjetivo. Tudo o que ele fala não é ele - são as coisas que falam nele, a linguagem das coisas. É por isso que sua poesia é seca, ríspida, purgada do sentimento e da emoção. Para ele a poesia é uma irmã desgarrada da prosa. É assim que ele quer que a gente pense, é assim que seus poemas induzem a pensar.

Mas eis que um próprio poema seu, uma dessas entidades sofridas, insociáveis e orgulhosas, nascidas de um trabalho árduo (que desejam eternizar a dificuldade do parto, mas que fingem não descender de pai nenhum), um próprio poema seu decide ser o denunciador de sua procedência:

*“Não haverá nesse pudor
de falar-me uma confissão(?)”*

Pernambuco e sua gente, o Capibaribe e o Beberibe, o tempo e suas histórias, tudo isso não possui uma objetividade autônoma. Cada coisa que o poeta escolhe deixa de ser uma coisa livre, torna-se presa à subjetividade da expressão. O mundo não é um sistema de objetos que o poeta apenas transmite: há sempre uma seleção subjetiva. Como o próprio Cabral diz em seu poema, colocar uma coisa no silêncio já uma forma de falar dela.

João Cabral de Melo Neto não deixa de ser um poeta subjetivo. Selecionou o seu mundo, reduziu-o a um grupo de significações. O seu interesse sempre esteve presente. Como negar a emoção? Pode-se aceitar a negação da emoção que o poeta faz (para ele, emoção significa turbulência do espírito, uma espécie de enfraquecimento moral, o estado líquido da alma). Mas não se pode excluir a emoção como base, ou seja, como interação do homem com o mundo.

Desde “O Engenheiro”, João Cabral de Melo Neto tem encontrado abrigo no racionalismo. Por uma evolução pessoal, cujas contingências ainda ficam por revelar, e por uma deliberada escolha artisti-

ca, ele mudou de caminho em sua poesia. Talvez tenha alterado até mesmo sua crença na poesia (um desvio da prosa?). “Pedra do Sono” é totalmente diferente de “O Engenheiro” e dos livros que o seguem, não apenas por uma ascese de artista, uma invocação do gênio, e sim por uma mudança de concepções. No primeiro livro, em forma não muito desenvolvida, encontramos o simultaneísmo expressivo (várias impressões tentando formar um todo harmônico), um resto de simbolismo (a expressão é uma referência vaga), a música frasal do verso livre. Nos livros de depois, temos a imagem por detalhe (cada imagem vai se compondo aos pedaços, até chegar a um todo), a sinalização da realidade (a palavra está colada ao real, quase como se fosse prosa), a música sem melodia (uma grande conquista artística de João Cabral).

Portanto, não houve uma evolução, e sim uma transformação, pois o que se alterou não foi a qualidade, mas a natureza. Isso implica em dizer que o exemplo de João Cabral não significa que artisticamente o caminho anterior seja mais inviável que o segundo.

A essa transformação correspondeu uma forma ideológica, o racionalismo. Segundo esse racionalismo, a realidade bruta contém uma casca de significação; ao escritor cabe ir desenhando em cima dessa casca da maneira mais habilidosa possível, para que o que antes era obscuro e informe se torne claro e definido. A expressão não deve se desviar de seu foco de atenção, para que atinja uma objetividade plena. Deve também proceder a uma análise de seu objeto, revelando-o por partes. O que importa é mostrar que o que é, é sempre o que é, mesmo que esteja escondido.

Esse racionalismo norteia todo o método poético do pernambucano, tornando sua poesia às vezes esterilmente descritiva, às vezes sutilmente reveladora.

Descrição e revelação originam-se de um pensamento estático, que tenta transformar todo o processo de observação em uma cristalização daquilo que se observa. Todas as coisas são encaradas como coisas estáticas, até mesmo os homens.

*“São minerais
as flores e as plantas,
os frutos, os bichos
quando em estado de palavra.”*

O poder cristalizador do racionalismo se concentra na palavra. A palavra é um sólido racional. Ela é como um deus que toca nas coisas e as torna imóveis, minerais.

É exatamente daí que se origina todo o respeito à massa da palavra, ao seu peso existencial. O poeta abençoa esse deus concreto, a palavra, mas simultaneamente sofre por ser o carregador do vocábulo, o construtor, aquele que coloca cada palavra no único lugar exato.

É essa a seqüência do método poético de João Cabral de Melo Neto. Ela provoca duas conseqüências básicas. Primeiro, a palavra, o “verso nítido e preciso”, eclipsa o racionalismo em que assenta tal método poético. Segundo, valoriza-se em extremo a forma concreta da linguagem, como se fosse o único regaço da poesia.

A segunda conseqüência tem sido mais prejudicial, tanto para o autor, como para seus intérpretes. Para o autor, criou-se e desenvolveu-se o mito de que a poesia é um trabalho árido, uma batalha insana, um alto preço que a linguagem cobra (o que desembocou nessa vontade de desistência por parte do autor manifestada em “Agrestes”). Para os intérpretes, o mito de que João Cabral encarna o artista *in extremis*, aquele que renuncia ao seu próprio eu em favor da linguagem. Aquele cujo “sol da atenção” livra sua arte de qualquer frouxidão mental e de qualquer excrescência expressiva (o ambiente intelectual do Brasil muito favorece essa espécie de mitificação, que na verdade nada mais significa que um retorno ao culto do bem-escrever).

O racionalismo de João Cabral só poderia contribuir para o surgimento de certas estruturas formais que sua obra apresenta. A sua fragmentação sintática, por exemplo, está diretamente ligada ao caráter analítico do racionalismo. Cada segmento sintático, isolado dos outros, trata de uma parte do objeto de análise, e somente a união dos vários segmentos comporá um todo (é interessante notar que João Cabral tem frisado que a leitura de um poema seu, que é feita por partes, exige mais atenção que a leitura de outras obras; então a velocidade de leitura é o que define a sua intensidade?).

Mas uma obra não se apóia apenas em suas estruturas formais. O racionalismo poético do autor pernambucano é, em si mesmo, uma grande formalidade artística utilizada pelo poeta. Foi o modo que ele

encontrou para conciliar a sua realidade e a do mundo, nessa terceira realidade que é a poesia.

Foi um modo de compreender Pernambuco e os homens que, desde Pernambuco, vêem o mundo. Pois, para o autor, a dura realidade pernambucana só poderia ser compreendida através de um pensamento que explicitasse as formas do universo, e para isso seria necessário coisificar o sentido de cada uma dessas formas. Assim os homens seriam traduzíveis, assim o canavial seria um “nada que é”.

